

DESEMPENHO ACADÊMICO E OS IMPACTOS NA AVALIAÇÃO DO CURSO E NA PERCEPÇÃO DO ALUNO SOBRE SUA CAPACIDADE PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Simone Silva da Cunha Vieira ¹

RESUMO

O conhecimento dos fatores que influenciam discentes na sua avaliação do curso de graduação, na realização de atividades remuneradas e na sua percepção sobre a sua capacidade profissional auxilia na criação e adoção de ações que possibilitem melhorias no processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, este artigo tem por objetivo avaliar a influência do desempenho acadêmico (coeficiente de rendimento) sobre: a avaliação do curso, a realização de atividades remuneradas, e a percepção dos alunos sobre sua capacidade profissional. Aplicou-se a pesquisa empírica, e foi empregado o teste de Kruskal-Wallis. Através dos resultados, concluiu-se que embora diferenças estatísticas não tenham sido encontradas, cabe destacar que: 71,70% dos alunos avaliaram seu curso de graduação como excelente e bom; 83,02% exercem atividade remunerada; mas apenas 32,07% se sentem perfeitamente ou razoavelmente aptos e seguros em relação à sua capacidade para o exercício profissional.

Palavras-chave: Avaliação do curso, Desempenho acadêmico, Exercício profissional.

INTRODUÇÃO

A proximidade da conclusão de um curso superior geralmente cria expectativas pelo ingresso no mercado de trabalho na área profissional relacionada à formação. Durante todo o curso de graduação, o estudante tem a oportunidade de: conhecer melhor a profissão para a qual está se preparando, de adquirir conhecimentos e de desenvolver competências para o exercício profissional. E ao longo de todo esse processo, o aluno tem seu desempenho acadêmico avaliado.

Segundo Sakai e Cordoni Junior (2004), os alunos fornecem subsídios para estabelecer o elo entre a formação teórica e a prática, ao avaliarem o currículo que tiveram, sendo agentes ativos no processo de mudanças nas escolas, bem como na determinação das necessidades de educação continuada. Sendo assim, os alunos podem contribuir para as reformulações curriculares.

Mesmo sendo a educação superior ainda um desafio para todos os envolvidos, pouco se conhece sobre a percepção de alunos sobre avaliação de curso e de capacidade de exercer a profissão. É relevante investigar como os estudantes estão lidando com a transição ao mundo

¹ Doutora pelo Curso de Controladoria e Contabilidade FEA/USP. Professora da Faculdade de Administração e Finanças – UERJ. simoneantonio@uol.com.br

trabalho durante sua formação acadêmica. Sendo assim, a investigação permitirá responder à questão de pesquisa: em que medida o desempenho de alunos em fim de curso de graduação influencia na realização de atividades remuneradas (ainda durante o curso), na percepção de avaliação de curso e de capacidade profissional.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a percepção de alunos em fim de curso em relação a avaliação de curso e percepção de capacidade para exercer a profissão. Para alcançar a resposta à questão de pesquisa e ao objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

- a) obter dos alunos sua avaliação do curso de graduação;
- b) identificar a percepção dos alunos sobre sua capacidade de exercer a profissão;
- c) identificar a carga horária de atividades remuneradas realizadas pelos alunos;
- d) analisar e comparar as atividades remuneradas dos alunos com seu desempenho acadêmico;
- e) analisar e comparar a percepção sobre a capacidade de exercer a profissão com seu desempenho acadêmico;
- f) analisar e comparar a avaliação do curso pelos alunos com seu desempenho acadêmico.

A resposta à questão de pesquisa poderá auxiliar professores, coordenadores e diretores no processo de ensino. A limitação dessa pesquisa é o fato de que a avaliação do curso e da capacidade de exercício profissional estão sendo analisadas sob a percepção dos alunos.

METODOLOGIA

Este estudo traz análises que procuram identificar, através de testes estatísticos não-paramétricos, a existência de relação entre o desempenho acadêmico e a percepção do aluno sobre avaliação do curso, sobre sua capacidade para exercer a profissão, e sobre a realização de atividades remuneradas, bem como identificar a existência de diferenças de percepção entre grupos de alunos.

As respostas às questões de pesquisa foram obtidas através de investigação empírica, onde foi analisado o desempenho de 53 alunos em final de curso de graduação em Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no segundo semestre de 2018.

Este artigo tem abordagem quantitativa-qualitativa, e também foi empregada a técnica da pesquisa bibliográfica.

O desempenho dos alunos foi medido pelo coeficiente de rendimento (CR). O cálculo do coeficiente de rendimento é feito para classificação dos alunos dentro do curso, estabelecendo prioridades no preenchimento das vagas e nas disciplinas e turmas escolhidas.

Para calcular o coeficiente de rendimento, utiliza-se a seguinte fórmula: $S(\text{n}^\circ \text{ de créditos} \times \text{nota}) / S(\text{n}^\circ \text{ de créditos})$. Sendo assim, o numerador é o somatório dos produtos dos créditos de cada disciplina pela respectiva nota, tanto na aprovação como na reprovação por nota ou frequência. Enquanto o denominador, consiste no somatório dos créditos.

Foi aplicado um questionário como instrumento de pesquisa. Este questionário contém questões abordando identificação (idade, sexo, estado civil), carga horária de atividades remuneradas, desempenho acadêmico atual (CR) e questões envolvendo avaliação do curso e percepção da capacidade para exercício profissional. Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para a comparação do desempenho (coeficiente de rendimento) entre os grupos de alunos. Pelo teste Levene, verificou-se que não há homogeneidade de variância necessária para aplicação do teste ANOVA. O teste de Kruskal-Wallis pode ser considerado como a alternativa não-paramétrica à ANOVA one-way. O teste de Kruskal-Wallis foi aplicado para identificar se o desempenho dos alunos difere significativamente em relação a avaliação do curso e a percepção sobre a capacidade para o exercício profissional.

DESENVOLVIMENTO

O período final de um curso de graduação gera sentimentos de esperança, bem como de preocupação com possíveis dificuldades para inserção no mercado de trabalho (MELO & BORGES, 2007; TEIXEIRA & GOMES, 2004). Esse período demanda do estudante decisões quanto à carreira que muitas vezes não se sente preparado para tomar (KALAKOSKI & NURMI, 1998). Alguns se sentem otimistas em relação ao futuro profissional, mesmo sem possuírem um planejamento de carreira estruturado, enquanto outros mostram-se pessimistas e despreparados.

De fato, estudantes universitários em final de curso costumam demonstrar preocupação com seu futuro profissional, podendo expressá-la de diferentes formas. Alguns temem a transição para o mercado de trabalho e percebem muitas barreiras ao seu desempenho profissional, desenvolvendo posturas de passividade. Outros aproveitam as oportunidades advindas das vivências acadêmicas para explorarem o universo ocupacional de sua futura profissão e conhecerem melhor a si mesmos, desenvolvendo competências que tendem a facilitar o ingresso no mercado de trabalho (SILVA, *et. al.*, 2013, p. 36).

O interesse, a motivação e a maturidade determinam o envolvimento dos alunos nas variadas atividades acadêmicas disponibilizadas pela instituição de ensino. E nem todos os alunos se beneficiam da mesma forma das mesmas experiências.

“De fato, estudos mostram que estudantes que participam de atividades acadêmicas e sentem-se identificados com a profissão apresentam maior segurança e satisfação com a escolha, tanto no meio quanto no final do curso, se comparados aos que não se envolvem em nenhuma atividade acadêmica” (SILVA, *et. al.*, 2013, p. 36).

As atividades mais referidas por estudantes universitários no contexto brasileiro envolvem: iniciação científica, empresa júnior, congressos científicos, palestras, estágio, entre outras. O estágio é uma das atividades extraclasse consideradas mais importantes para a formação profissional (GARCIA & CORTIZAS, 2011).

No contexto do ensino superior, o contato direto com a prática profissional e com contextos reais de trabalho surge, geralmente, no âmbito dos estágios curriculares – uma disciplina que integra o plano de estudos de vários cursos. A sua definição como uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos estudantes do ensino superior para a entrada no mundo profissional, tem sido uma noção largamente difundida entre os docentes, as entidades empregadoras e os próprios alunos (VIEIRA, *et. al.*, p. 30, 2011).

A realização de estágio aumenta a confiança e segurança do estudante na execução de atividades profissionais. Os resultados da pesquisa de Vieira *et. al.* (2011) evidenciaram uma associação inequívoca entre os estudantes que viveram a experiência de estágio e os benefícios ao nível da auto-eficácia na transição para o trabalho, dos objetivos de investimento profissional e da exploração vocacional. Segundo os autores, auto-eficácia consiste na confiança que a pessoa tem na sua capacidade para realizar as ações necessárias para alcançar determinados desempenhos.

O estágio possibilita ao estudante uma visão mais integrada, realista e contextualizada da profissão, maior competência e autonomia na tomada de decisões e na solução de problemas.

Do estudante, futuro profissional, requer-se qualificação técnica, conhecimentos de caráter global, capacidade de tomada de decisões, de empreendimento, de trabalho em equipe e o enfrentamento de contínuas mudanças (SOUZA & MIYADAHIRA, 2012). Essas competências e habilidades necessárias ao futuro profissional contábil precisam estar previstas nos projetos pedagógicos do curso de graduação, e trabalhadas ao longo de todo o currículo.

Os currículos dos cursos de Ciências Contábeis devem atender às necessidades dos alunos em relação às exigências sociais e educacionais, incentivando uma visão sistêmica da Contabilidade (CRUZ, *et. al.*, 2013).

Para Souza e Miyadahira (2012, p. 243), “o desafio é o de transpor as exigências das diretrizes curriculares, formando profissionais que superem o domínio teórico-prático exigido pelo mercado de trabalho, enquanto agentes inovadores da realidade, inseridos e valorizados no mundo do trabalho.”

Para que isso aconteça, é necessário que as instituições de ensino superior introduzam em seus currículos ajustes constantes, com o intuito de propiciar aos profissionais, formados por elas, conhecimentos, habilidades e atitudes para exercerem atividades e funções em uma ampla gama de processos, capazes de resolver problemas inerentes à sua área de formação e superar situações contingentes de maneira segura (LOUSADA & MARTINS, p. 2, 2005).

Logo, é imprescindível saber o que os alunos, atuais e egressos, pensam a respeito da formação recebida para se proceder a ajustes em todo o processo de ensino-aprendizagem (diretrizes curriculares, projetos pedagógicos, planos de ensino, etc). Para isso, é preciso criar um canal de comunicação entre a instituição de ensino e alunos atuais e egressos. Nesse contexto, a instituição de ensino pode implementar a avaliação institucional para melhor comunicação com alunos atuais e egressos.

A avaliação da universidade por alunos torna-se um dos componentes de fundamental importância, tendo em vista estar percebendo o aluno que passou pela instituição a real contribuição que seu curso proporcionou para o desempenho de suas funções e atividades no dia-a-dia (BOTH, 1999, p. 152).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se por realizar a aplicação do questionário com alunos pessoalmente, com visita na instituição de ensino escolhida em novembro de 2018.

Foram obtidos 53 questionários respondidos por alunos em final de curso. Todos os questionários apresentaram todas as questões respondidas. Por isso, todos foram utilizados na pesquisa. Após verificação da consistência dos dados, eles foram transferidos para o software estatístico SPSS® para a realização das análises.

Os alunos participantes da amostra estudada são em sua maioria mulheres (75,47%), com idade de até 29 anos (66,4%), solteiros (66,04%), e que possuem trabalho eventual sem vínculo (41,51%). Detalhes sobre a identificação dos alunos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Identificação de alunos e professores

Identificação			Frequência	%
Alunos	Estado civil	Solteiro(a)	35	66,04
		Casado(a)	12	22,64
		Desq/Sep/Div.(a)	3	5,66
		Outros	3	5,66
		Total	53	100,00
	Gênero	Masculino	13	24,53
		Feminino	40	75,47
		Total	53	100,00
	Idade	Até 29 anos	35	66,04
		De 30 a 39 anos	15	28,30
		Mais de 39 anos	3	5,66
		Total	53	100,00
	Exerce atividade remunerada/estágio	Não exerce	9	16,98
Trabalho eventual sem vínculo		22	41,51	
Até 20 h/semana		10	18,87	
Mais de 20 h < 40 h/semana		7	13,21	
40 h/semana ou mais		5	9,43	
Total		53	100	

Fonte: a autora.

Para a análise da influência do desempenho dos alunos sobre sua avaliação do curso de graduação, a seguinte hipótese estatística foi testada: $H_0 =$ Os alunos atribuem a mesma avaliação ao seu curso de graduação, independentemente do desempenho acadêmico. O teste de Kruskal-Wallis forneceu o seguinte resultado:

Tabela 1 - Teste Kruskal-Wallis – Avaliação do curso

Como você avalia seu curso de graduação?	Número de Alunos	%	Test Statistics
1. Excelente	3	5,66	Asymp. Sig. ,950
2. Bom	35	66,04	
3. Regular	11	20,75	
4. Ruim	4	7,55	
Total	53	100	

Fonte: Elaborada pela autora.

Aceita-se H_0 (Asymp. Sig. $> \alpha$, sendo $\alpha = 0,05$), isto é, os alunos atribuem a mesma avaliação ao seu curso de graduação, quer tenham um alto, médio ou baixo desempenho acadêmico. Não há evidência estatística suficiente para afirmar que a avaliação do curso pelo aluno é influenciada pelo desempenho acadêmico.

Com relação à análise da influência do desempenho dos alunos sobre sua percepção da capacidade para o exercício profissional, a seguinte hipótese foi testada: H_0 = Os alunos possuem a mesma percepção sobre a capacidade para o exercício profissional, independentemente do desempenho acadêmico. O teste de Kruskal-Wallis forneceu o seguinte resultado:

Tabela 2 – Teste Kruskal-Wallis – Capacidade para o exercício profissional

Como você avalia sua capacidade para o exercício profissional?	Número de Alunos	%	Test Statistics
1. Perfeitamente apto(a) e seguro(a)	6	11,32	Asymp. Sig. ,553
2. Razoavelmente apto(a) e seguro(a)	11	20,75	
3. Capaz, mas sem autonomia	13	24,53	
4. Capacidade limitada	14	26,42	
5. Sérias insuficiências	9	16,98	
Total	53		

Fonte: Elaborada pela autora.

Aceita-se H_0 (Asymp. Sig. $> \alpha$, sendo $\alpha = 0,05$), isto é, os alunos possuem a mesma percepção sobre sua capacidade de exercer a profissão, quer tenham um alto, médio ou baixo desempenho acadêmico. Não há evidência estatística suficiente para afirmar que a percepção do aluno sobre sua capacidade de exercício profissional é influenciada pelo desempenho acadêmico.

Com relação à análise da influência do desempenho dos alunos sobre a realização de atividades remuneradas (ainda durante o curso), a seguinte hipótese foi testada: H_0 = Os alunos possuem a mesma carga horária de atividades remuneradas realizadas ainda durante o curso, independentemente do desempenho acadêmico. O teste de Kruskal-Wallis forneceu o seguinte resultado:

Tabela 3 – Teste Kruskal-Wallis – Realização de atividades remuneradas

Exerce atividade remunerada/ estágio	Número de Alunos	%	Test Statistics
Não exerce	9	16,98	Asymp. Sig. ,968
Trabalho eventual sem vínculo	22	41,51	
Até 20 h/semana	10	18,87	
Mais de 20 h < 40 h/semana	7	13,21	
40 h/semana ou mais	5	9,43	
Total	53	100	

Fonte: Elaborada pela autora.

Aceita-se H_0 (Asymp. Sig. $> \alpha$, sendo $\alpha = 0,05$), isto é, os alunos possuem a mesma carga horária de atividades remuneradas realizadas durante o curso, quer tenham um alto, médio ou baixo desempenho acadêmico. Não há evidência estatística suficiente para afirmar que a realização de atividades remuneradas é influenciada pelo desempenho acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os resultados para os testes de Kruskal-Wallis para as três hipóteses de pesquisa apresentaram Sig maiores que 0,05 (α), conclui-se que não há influência do desempenho do aluno sobre sua avaliação do curso de graduação, realização de atividades remuneradas e sua percepção sobre sua capacidade de exercício profissional.

Embora diferenças estatísticas não tenham sido encontradas, observando os resultados, cabe destacar que: 71,70% dos alunos avaliaram seu curso de graduação como excelente e bom; 32,07% se sentem perfeitamente aptos e seguros e razoavelmente aptos e seguros em relação à capacidade para o exercício profissional; e 83,02% exercem atividade remunerada. A maioria avalia seu curso como excelente ou bom, exerce atividade remunerada, mas 67,93% se sentem capazes sem autonomia, com capacidade limitada ou com sérias insuficiências.

Os resultados trazem implicações ao nível do processo ensino-aprendizagem e estrutura curricular nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, na medida em que apontam para a pertinência de se integrar e aperfeiçoar atividades remuneradas/estágios, e outras atividades em que o estudante tenha mais contato com o contexto laboral, ao longo do percurso formativo para fortalecimento da percepção de capacidade para exercício profissional.

REFERÊNCIAS

BOTH, I. J. Avaliar a universidade é preciso: agente de modernização administrativa e da educação. In: SOUZA, Eda C. B. Machado (org). *Avaliação Institucional*. 2 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CRUZ, A. J.; NOSSA, V.; BALASSIANO, M.; TEIXEIRA, A. *Desempenho dos alunos no ENADE de 2009: um estudo empírico a partir do conteúdo curricular dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil*. **Advances in Scientific and Applied Accounting**. São Paulo: v. 6, n. 2, p. 178-203, 2013.

GARCIA, M. L. R.; CORTIZAS, M. I. *La formación en competencias a través del practicum: um estúdio piloto*. **Revista de Educación**. Madri, n. 354, p. 99-124, 2011.

HAIR JR., J. F. **Análise multivariada de dados**. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

KALAKOSKI, V.; NURMI, J. E. *Identity and educational transitions: age differences in adolescent exploration and commitment related to educational, occupation and family.* **Journal of Research on Adolescence.** Medford, v. 8, n. 1, p. 29-47, 1998.

LOUSADA, A. C. Z.; MARTINS, G. A. *Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de Ciências Contábeis.* **Revista Contabilidade & Finanças.** São Paulo, v. 16, n. 37, jan-abr 2005.

MELO, S. L.; BORGES, L. O. *A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem.* **Psicologia, Ciência e Profissão.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 376-395, 2007.

SAKAI, M. H.; CORDONI JUNIOR, L. *Os egressos da medicina da Universidade Estadual de Londrina: sua formação e prática médica.* **Revista Espaço para a Saúde.** Londrina, v. 6, n. 1, p. 34-47, dez. 2004.

SILVA, C. S. C.; COELHO, P. B. M.; TEIXEIRA, M. A. P. *Relações entre experiências de estágio e indicadores de desenvolvimento de carreira em universitários.* **Revista Brasileira de Orientação Profissional.** Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 35-46, jan-jun 2013.

SOUZA, S. N. D. H.; MIYADAHIRA, A. M. K. *O desenvolvimento de competências no curso de graduação em enfermagem: percepção de egressos.* **Ciência, Cuidado e Saúde.** Maringá, n. 11(suplem.), p. 243-250, 2012.

VIEIRA, D. A.; CAIRES, S.; COIMBRA, J. L. *Do ensino superior para o trabalho: contributo dos estágios para inserção profissional.* **Revista Brasileira de Orientação Profissional.** Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 29-36, jan-jun 2011.